



ENCHENTE

Cleiton SCHLINDWEIN¹
Emerson LAYR SCHELENSKI²
Moisés CARDOSO³
Ofelia TORRES MORALES⁴
Fernando ARTECHE HAMILTON⁵
Instituto Blumenauense de Ensino Superior, Blumenau, SC

Resumo

Este vídeo tem por finalidade documentar as enchentes ocorridas em Blumenau-SC, nos anos de 1983 e 1984. Para isso foram usadas as técnicas do documentário, como depoimentos e pesquisa de imagens de arquivo. Através dos depoimentos e das imagens, o vídeo traz algumas experiências de vida de pessoas que estiveram envolvidas nos desastres. As imagens ajudam a entender a dimensão das enchentes, que duraram dias e atingiram 70% da população da cidade. O vídeo registra uma parte da história de Blumenau e da formação de seu povo.

Palavras-chave: Blumenau; Enchente; Vídeo-documentário

1 Introdução

O município de Blumenau, situado no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, é conhecido pela Oktoberfest, a maior festa do chope do Brasil. Mas pouca gente de fora da cidade sabe que esta festa foi criada para aliviar a tensão da população depois de enfrentar duas enchentes, em 1983 e 1984. As enchentes também são parte da história de Blumenau e marcam profundamente a cultura local, junto com a valorização do trabalho e da capacidade de enfrentar as diversidades.

¹ Aluno líder do grupo. Estudante do 6º semestre do curso de Jornalismo do IBES SOCIESC. Contato: cleiton.sch@pop.com.br

² Estudante do 6º período do curso de Jornalismo do IBES SOCIESC.

³ Estudante do 6º período do curso de Jornalismo do IBES SOCIESC.

⁴ Professora orientadora do vídeo. Professora da disciplina de Telejornalismo do Curso de Jornalismo do IBES SOCIESC, em Blumenau, SC. Mestre em Rádio e Televisão e Doutora em Jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Contato: ofeliatm@gmail.com Júri Expocom Sul.

⁵ Jornalista. Professor da disciplina de Telejornalismo e Coordenador do Curso de Jornalismo do IBES SOCIESC. Mestre em Sociologia Política e Doutorando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Coordenador do IJ 08 - Estudos Interdisciplinares da Comunicação no Intercom Sul 2009. Contato: jor@unibes.edu.br



Foi com essa idéia em mente que um grupo de alunos do 6º semestre do curso de Jornalismo do IBES SOCIESC decidiu registrar depoimentos e imagens das enchentes da década de 80. Mal sabiam eles que enquanto pesquisavam e preparavam o material para o vídeo outra tragédia se aproximava de Blumenau. Em novembro de 2008, a cidade foi atingida por mais uma enchente, dessa vez acrescida de desabamentos de morros e encostas. A nova tragédia veio confirmar a peculiaridade dos acidentes naturais que, de tempos em tempos, castigam a cidade e põem à prova seus habitantes.

2 Objetivo

O vídeo *Enchente* tem como objetivo registrar as grandes enchentes que atingiram Blumenau no início da década de 80, principalmente a primeira, de 1983. O registro servirá para a transmissão de parte da história do município para as gerações futuras e como subsídio para a discussão sobre as maneiras de evitar os desastres naturais ou preparar a população para eles.

3 Justificativa

Quando a chuva típica dos meses de primavera se tornou insistente em duração e intensidade, em 2008, logo surgiu nas conversas de alguns moradores da cidade o espectro das enchentes na cidade. Afinal, os moradores mais antigos tinham vivenciado duas enchentes em anos seguidos (1983 e 1984), que inundaram 70% da cidade e provocaram a morte de 70 pessoas. A lembrança de dias e mais dias lutando contra a força das águas que insistiam em transbordar rios e ribeirões ficou marcada na memória e na maneira de ser dessas pessoas. As que não vivenciaram aquelas tragédias ficaram sabendo delas e as incorporaram pelas histórias repetidamente contadas pelos familiares mais velhos.

O registro em vídeo das experiências de algumas pessoas com as enchentes vem contribuir com essa transmissão de parte da história da cidade para as gerações futuras. O vídeo foi escolhido por possibilitar a transmissão dos conteúdos o máximo aspecto de verossimilhança (OROZCO, 1996). É como se o telespectador estivesse vivenciando por si as imagens e os depoimentos das pessoas. Com isso, busca-se intensificar a experiência dos assistentes com a narrativa.



4 Métodos e técnicas utilizados

A definição de documentário sempre foi controversa. E chega aos dias de hoje marcada ainda pela complexidade de formatos e de escolas que a formaram. Citando uma definição da *World Union of Documentary*, Da-Rin (2004, p.15-6) explica que documentário é

todo método de registro em celulóide de qualquer aspecto da realidade interpretada tanto por filmagem factual quanto por reconstituição sincera e justificável, de modo a apelar seja para a razão ou emoção, com o objetivo de estimular o desejo e a ampliação do conhecimento e das relações humanas (...).

A partir das experiências de documentaristas como Robert Flaherty, Grierson, Vertov, Jean Rouch⁶ e os brasileiros Eduardo Coutinho e José Padilha, o documentário foi feito com intenções diferentes, utilizando recursos expressivos diferenciados (depoimentos, offs, encenações) e chegando a uma definição ainda mais eclética. Como afirma Teixeira (2004, p.19),

(...) a paisagem documental atual não se ergue num horizonte canônico único, mas numa multiplicidade sem precedentes de formas, certamente como algo que se deixou afetar e abriu passagens por entre as tantas ondulações e revoluções da cultura audiovisual contemporânea.

A partir dessas definições, optou-se por um documentário baseado em depoimentos de pessoas que vivenciaram as enchentes de 1983 e 1984 e em imagens recolhidas de arquivos de veículos de comunicação da cidade. Os depoimentos servem de testemunho das experiências das pessoas na época, tendo como ponto de partida as responsabilidades que desempenhavam naquela época, desde jornalistas até representantes do poder público. As imagens foram acrescentadas como forma de mostrar a dimensão das enchentes, focalizando principalmente a situação no centro da cidade.

A ideia principal na elaboração de um vídeo documentário pode nutrir-se dos acontecimentos diários, vivências ou “leituras” de outros meios de comunicação, entre outros. Segundo Comparato (1998), a ideia é ponta-pé inicial de todo processo criativo audiovisual. Nesse sentido, as idéias têm procedências singulares. A ideia selecionada provém de nossa memória ou vivência pessoal, surge de nossos pensamentos, passado

⁶ Para um apanhado histórico e um perfil da produção de cada um desses pioneiros do documentário no mundo, ver o livro *Espelho partido*, de Sílvio Da-Rin, conforme consta das referências bibliográficas deste artigo.



recente ou remoto. A ideia verbalizada surge daquilo que alguém conta, de um comentário ao redor. Ainda, a ideia lida vem dos discursos viabilizados nos meios de comunicação, não somente em relação às informações mas a tudo o que é comentado a través da mídia. A ideia solicitada e a procurada, através da pesquisa de mercado com o intuito de resgatar um nicho de mercado. Por fim, a ideia transformada é aquela que nasce de obra de ficção, livro, teatro transformação e variação dos mitos, dos tópicos, das linhas gerais, servindo como inspiração de novas estórias. (COMPARATO, 1998; REY, 2006).

Portanto, registrar com imagens em movimento a história de dor e superação de um povo é significativo não somente para a área do jornalismo, mas, sobretudo, para o resgate da memória dessa cultura. O critério de noticiabilidade que prevaleceu na escolha do tema do presente vídeo documentário foi o da proximidade, ou seja, a relevância e interesse da história para a sociedade regional, com o intuito de preservar sua memória (COUTINHO, 2003; PEREIRA JUNIOR, 2005).

Várias imagens dessa época se perderam no tempo, por isso, recuperar esses testemunhos enriquece a ideia da realização do vídeo. Houve um processo de pesquisa e planejamento que oportunizou aproximar-se dos protagonistas dessa história, em primeira mão. Além da pauta elaborada para conduzir as entrevistas de forma lógica, é de significativa importância a abordagem aos entrevistados, seja como depoimentos e testemunhos, já que essas fontes informativas são essenciais para o desenvolvimento da estória. A abordagem dos realizadores deixou pesar de existir uma pauta prévia, a abordagem dos alunos-entrevistadores deixou à vontade aos entrevistados para poder desenrolar a temática com as informações necessárias e, ao mesmo tempo, respeitando o fato de ser uma história pessoal sobre uma tragédia como foi a enchente de vinte cinco anos atrás. (LINS, 2004a; LINS, 2004b) Nesse sentido, aliou-se à técnica da entrevista jornalística, a questão ética no sentido de ter sensibilidade diante do entrevistado numa recordação dolorida como foi falar sobre a enchente. (LAGE, 2001)

Em relação à construção do roteiro do documentário optou-se pela preparação de blocos temáticos que conseguissem re-contar a história da enchente a partir dos seus próprios protagonistas. Aristóteles, na sua “Poética” nos fala sobre estruturas narrativas lineares: “Todo é o que tem princípio, meio e fim”⁷. O que na linguagem jornalística de uma grande reportagem televisiva poderíamos assemelhar aos conceitos de “abertura”, “desenvolvimento” e “conclusão” (BISTANE; BACELLAR, 2005; LAGE, 2001).

⁷ Aristóteles. ARTE POÉTICA. Disponível em: <http://www.culturabrasil.pro.br/poetica/artepoetica_aristoteles.htm> Acesso em: 18 abr. 2009.



Contudo, a narrativa do documentário permite experimentação estética em termos de estrutura a partir da escolha autoral dos seus realizadores. (MELO; GOMES; MORAIS, 2004). O documentário nasce no cinema, porém, quando ele se incorpora ao jornalismo televisivo, ele traz como marca autoral a questão da objetividade, pluralidade de vozes e profundidade na abordagem das histórias. (MELO; GOMES; MORAIS, 2001) Portanto, a definição da estrutura narrativa do presente documentário procurou interagir uma linha de pensamento linear, contudo, ao interior de cada bloco temático, os personagens foram intercalando suas opiniões como recordações, acrescentando uma a uma cada história, de forma não-linear.

A elaboração do roteiro audiovisual, então, nutre-se dessa estrutura narrativa e recria a escrita com imagens em movimento tomando como base os pontos de interesse necessários para cativar a atenção do telespectador, a partir de temas-guia (ganchos narrativos) de cada bloco e sub-bloco. (COMPARATO, 1998; MACIEL, 2003; REY, 2006)

Em termos de linguagem audiovisual, autores relatam a importância que o uso dos elementos audiovisuais tem na realização dos vídeos. Por um lado, a composição e o enquadramento da imagem assim como os planos utilizados, quando combinados, auxiliam ao telespectador na compreensão do ponto de vista do realizador. O uso de planos médios é mais confortável para entrevistas, os primeiros planos marcam os detalhes, os planos gerais contextualizam. (BARBEIRO; DE LIMA, 2002; CURADO, 2002; WATTS, 1990) Por outro lado, os movimentos de câmera, como panorâmicas e travelings, acompanham e pontuam a diversidade de elementos necessários para contar as histórias. (WATTS, 1999)

Dessa forma, a experimentação da gramática visual oportunizou aos realizadores desse vídeo a possibilidade de inovar na estética do documentário jornalístico. O potencial que esse gênero traz para o jornalismo televisivo permite procurar novas formas de expressão audiovisual. Abordar uma temática em profundidade e objetividade, porém, com a leveza estética da linguagem vinda do cinema. (TARSO; CARVALHO, 2003)

5 Descrição do produto ou processo

A partir da ideia inicial do grupo, a de registrar em vídeo as enchentes de 1983 e de 1984, a equipe iniciou a fase de pré-produção, levantando possibilidades de fontes de informações e de imagens das enchentes. A ideia foi abarcar pontos de vista de pessoas que desempenharam papéis diferentes na época. Assim foram definidas fontes como representantes da imprensa que fizeram a cobertura na época, vítimas das enchentes que



tiveram perdas materiais, militares e funcionários da defesa Civil à época. Entre as imagens escolhidas, fotografias do centro de Blumenau completamente tomado pelas águas do rio Itajaí-Açu e a cena mais marcante daquelas enchentes: uma casa caindo dos pilares e virando uma pilha de telhas e pedaços de madeira.

Na edição, buscamos alternar depoimentos com imagens, na intenção de dar dinamicidade e produtividade informativa ao documentário. O vídeo inicia com cenas corriqueiras da cidade, com um ruído de chuva como áudio, prenunciando o que vem a seguir: imagens da cidade atingida pela enchente. A partir dessa introdução, são intercalados os depoimentos, por vezes cobertos por imagens, que tratam de aspectos como a surpresa e as primeiras dificuldades da população diante da enchente: isolamento, falta de comunicação, atendimento das necessidades básicas, como alimentação e abastecimento de água, a falta de preparo da Defesa Civil, as alternativas de comunicação e a tristeza de quem perdeu a casa e outros bens.

A narrativa através dos depoimentos foi centralizada na figura do jornalista Carlos Braga Muller, que atuou nos principais veículos de comunicação da cidade, entre eles a TV Coligadas, que registrou muitas das imagens que foram enviadas para emissoras do centro do país.

O vídeo termina com imagens e uma música típica da Oktoberfest, festa que surgiu em 1984 depois da segunda grande enchente na cidade. A festa representa a capacidade de recuperação da vida adquirida pelos moradores de Blumenau depois da tragédia.

6 Algumas considerações finais

O documentário *Enchente* atingiu os objetivos pretendidos durante sua preparação. A equipe conseguiu os registros que deram uma dimensão precisa do que foi a enchente de 1983, situação que se repetiu em 1984. O registro também se mostrou importante historicamente, já que logo depois de sua finalização, a cidade foi atingida por mais uma enchente, acompanhada por desabamentos que provocaram a morte de 40 pessoas e a destruição de várias casas, ruas, estradas e pontes.

Os depoimentos deram uma idéia precisa do que foi a surpresa da primeira enchente de grande monta na cidade, que chegou de forma inesperada, apesar da geografia, propícia a esse tipo de desastre, presente no Vale do Itajaí: mata atlântica com forte desmatamento, geografia acidentada, com morros recortados por rios e ribeirões. A experiência foi enriquecedora para os realizadores, desde a escolha do tema até a edição



final. Com o trabalho foi possível experimentar as decisões exigidas do jornalista nas várias fases de elaboração de um produto informativo.

Referências

- BARBERO, H. & DE LIMA, P. R. **Manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- BISTANE, L. & BACELLAR, L. **Jornalismo de TV**. São Paulo: Contexto, 2005.
- COMPARATO, D. **Da criação ao roteiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- COUTINHO, I. **A busca por critérios editoriais em Telejornalismo**. Disponível em: http://intercom.org.br/papers/congresso2003/pdf/2003_NP02_Coutinho. Acesso em: 23 fev. 2004.
- CURADO, O. **A notícia na TV**. São Paulo: Alegro, 2002.
- DA-RIN, S. **Espelho partido: tradição e transformação do documentário**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2004.
- LAGE, N. **A reportagem**. Rio de Janeiro, Record, 2001.
- LINS, C. O cinema de Eduardo Coutinho: uma arte do presente. In: TEIXEIRA, F. **Documentário no Brasil**. São Paulo, Summus, 2004b.
- LINS, C. **O Documentário de Eduardo Coutinho**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2004a.
- MACIEL, L. C. **O poder do clímax**. Rio de Janeiro, Record, 2003.
- MARCONDES, C. **Comunicação & Jornalismo**. São Paulo: Hacker, 2000.
- MELO, C., GOMES, I. & MORAIS, W. **O Documentário como Gênero Jornalístico Televisivo**. Disponível em <http://intercom.org.br/papers/xxiii-ci/gt09/gt09a3.pdf> Acessado em 23/02/04.
- MELO, C., GOMES, I. & MORAIS, W. **O Documentário Jornalístico, gênero essencialmente autoral**. Campo Grande, XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação INTERCOM, 2001.
- OROZCO, G. **Televisión y audiencias**. Madrid: Ediciones de la Torre/Universidad Iberoamericana, 1996.



PATERNOSTRO, V. **O texto na TV**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

PEREIRA JÚNIOR, A.V. **Decidindo o que é notícia**. 4.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

REY, M.. **O roteirista profissional: TV e cinema**. 3.ed. São Paulo: Ática, 2006.

REZENDE, G.J. de. **Telejornalismo no Brasil**. São Paulo: Summus, 2000.

TARSO, S. & CARVALHO, T. **O uso do documentário como possibilidade dialógica e de interferência na prática e no ensino de jornalismo de TV**. Disponível em http://www.professoresjornalismo.jor.br/Fórum-Natal/Programação_GT_Natal.pdf (2003)

TEIXEIRA, F. **Documentário no Brasil**. São Paulo: Summus, 2004.

WATTS, H. **Direção de câmera**. São Paulo, Summus, 1999.

WATTS, H. **On Camera**. São Paulo, Summus, 1990.